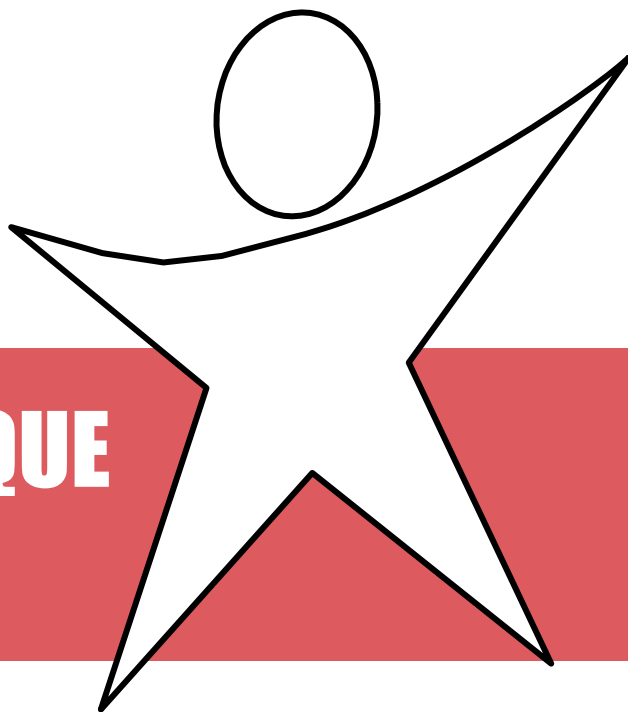


Lista A: “A ESQUERDA QUE FAZ A DIFERENÇA”



Moção da Lista A: “A Esquerda que faz a diferença”

1. PARAR O EMPOBRECIMENTO, AVANÇAR DIREITOS

1.1 O acordo para parar o empobrecimento do país demonstrou que a recuperação de rendimentos do trabalho ajudou na recuperação económica e do emprego em Portugal e demonstrou a falência do modelo da direita de austeridade com a sua destruição dos serviços públicos, o ataque às pensões, o aumento do desemprego e da precariedade.

1.2. O aprofundamento do caminho de recuperação do país só pode depender da defesa dos direitos laborais, da melhoria dos rendimentos do trabalho e da melhoria do Estado Social. Depois de anos de corte e de desinvestimento nos serviços públicos é necessária uma política de reforço da Escola Pública, do Serviço Nacional de Saúde e da Segurança Social.

1.3. Apesar da estabilização económica do país, os riscos causados pelo peso da dívida e pela chantagem da Comissão Europeia e do Banco Central Europeu mantêm-se e só a mobilização social pode tornar sustentável a recuperação ou mesmo o aprofundamento e criação de caminhos para a justiça social. A chantagem europeia, que é o programa da direita e do qual o PS não se pretende soltar, tem de ser enfrentada.

1.4. PS e PSD escolheram o tema da descentralização para experimentarem uma aproximação e a possibilidade de um bloco central. No entanto, a proposta deste bloco central tem pouco que ver com uma descentralização democrática, como seria a regionalização prevista na Constituição, mas antes não passa de uma municipalização. Os riscos desta proposta são graves, como a ameaça da universalidade das políticas públicas, o aumento da corrupção ou a facilitação das privatizações. Devemos opor-nos à municipalização, em defesa das populações.

2. LISBOA, FAZER A DIFERENÇA PELO DIREITO À CIDADE

2.1. *Crise na habitação*

A Lei das Rendas da Direita, o *boom* do turismo, o alojamento local desregulado e as negociatas dos vistos gold fizeram disparar o preço das habitações e as rendas de Lisboa.



OPS assistiu à expulsão dos moradores do centro da cidade sem apresentar nenhuma alternativa, sem apostar na oferta pública de habitação e muitas vezes de braço dado com os interesses imobiliários. Também os jovens, nomeadamente os estudantes, não encontram alternativas para viver na cidade.

A situação é de crise e são necessárias alterações à lei das rendas e do alojamento local e uma política pública de habitação para a cidade, mas a resposta não pode ser simplesmente institucional. As experiências de organização dos moradores que se defendem dos interesses imobiliários devem ser incentivadas e expandidas dentro do movimento pelo direito à habitação.

2.2. Urbanismo

Há que encontrar uma nova forma de fazer cidade que passa por ter uma visão global dos problemas, que integre mais cidadania e procure soluções integradas, assentes numa estratégia bem definida de combate à segregação urbana e social que serve os interesses imobiliários e especulativos.

O últimos anos nesta matéria em Lisboa têm-se demonstrado desastrosos, sendo que os interesses económicos aliados a instrumentos de gestão urbanística que abrem demasiadas falhas tornaram a cidade de Lisboa um espaço algo desgovernado, que concentra no centro o turismo e a habitação de luxo, esquecendo tudo o resto que importa aos e às lisboetas.

Defendemos o direito de todos/as à cidade e a um eco urbanismo que exige maior atenção à paisagem urbana, à proteção e valorização cultural do património natural, arquitetónico e histórico. Há que privilegiar e valorizar o espaço público como forma de melhorar a qualidade de vida das pessoas, incentivar a aproximação intergeracional e o convívio entre diversos grupos sociais, e induzir comportamentos cívicos de defesa do património e do ambiente, propiciando novas formas de relacionamento, de comunicação e de estar.

É necessária uma política de urbanismo com participação cidadã que tenha uma perspetiva de cidade a longo prazo, com as pessoas no centro e não o negócio.

2.3. Colapso da mobilidade só tem resposta nos transportes públicos

A mobilidade em Lisboa é um dos principais problemas da cidade. A força do Bloco foi decisiva para impedir a subconcessão do Metro e da Carris pretendida pelo governo PSD/CDS, processo que foi cancelado com a nova maioria.

Mas a política de desinvestimento nos transportes públicos deixou uma pesada herança. É preciso uma aposta nos transportes públicos e na mobilidade elétrica (Metro, elétricos e autocarros elétricos), que reduza os preços e aumente a qualidade, com menores tempos de espera e com uma rede que chegue a toda a cidade. Os meios de transporte suaves são também uma aposta ecológica para a melhoria da mobilidade por toda a cidade, especialmente quando estão articulados com os meios mais pesados de transporte.

2.4. Educação e direitos sociais numa cidade em mudança

As taxas de retenção das escolas de Lisboa são superiores à média nacional, a oferta pública dos Jardins de Infância é muito reduzida, grande parte das refeições escolares está entregue a um oligopólio de empresas de catering que não asseguram a qualidade e quantidade das refeições e há escolas a necessitar de obras urgentes.

Garantir que a Escola Pública oferece condições para que as crianças e os jovens estudem, aprendam, brinquem e cresçam, sendo ouvidos e participantes dos processos que lhes dizem respeito é essencial. A Escola Pública deve e tem de ter a mesma garantia de qualidade para todas e todos em toda a Cidade.

A pobreza é ainda uma das grandes marcas da cidade. Nos anos do governo PSD/CDS a crise social acentuou-se muito e a câmara municipal não soube responder. É preciso

proteger as populações mais vulneráveis, como as pessoas em situação de sem-abrigo, os seniores, as crianças e os jovens.

Defendemos ainda que a alimentação é um Direito Humano e que é necessário trabalhar numa estratégia que integre as questões da pobreza, desigualdade, ambiente, combate às alterações climáticas, nomeadamente explorando as potencialidades da agricultura urbana e os circuitos alimentares curtos.



2.5. Cultura para quem?

O Bloco não se revê numa política para a cultura que se esgota nos grandes eventos e na lógica mercantil. Cultura deve ser teatro, cinema, artes performativas, divulgação, bibliotecas, património, ocupação do espaço público pela mobilização cidadã e muito disso tem faltado na política cultural do município. Uma política cultural pública deve servir para criar alternativas à lógica mercantil, privilegiando a diversidade e não a massificação. A nossa visão é alternativa, de defesa da promoção pública da cultura, da formação de públicos, do apoio público à criação e do incentivo às experiências individuais e coletivas.

Jovens, artistas e todas as pessoas que desejarem têm de encontrar locais para a criação e exposição artística na cidade. O Bloco tem de estar presente nas lutas dos artistas e dos agentes culturais e sempre que esteja em causa a oferta pública de cultura.

2.6. Feministas!

Os direitos das mulheres continuam em Lisboa e no país a não ser plenamente alcançados quando as mortes por violência doméstica continuam ou quando a representação política das mulheres se mantém aquém do que é instituído. A cidade deve ser um espaço pensado por e para todos e todas, e isso inclui pensar a organização dos serviços públicos, dos locais de lazer e de transportes numa perspetiva também feminista. O Bloco de Esquerda na cidade de Lisboa deve empenhar-se na campanha nacional contra o assédio, por uma sociedade que não premeia a violência.

2.5. LGBT+

A comunidade LGBT+ é importante na cidade de Lisboa e o Bloco de Esquerda bate-se, em todos os momentos e em todos os lugares, pelo fim da discriminação ajudando a criar espaços de debate, internos e externos ao próprio Bloco de Esquerda, para pensar a cidade promotora da igualdade e não da discriminação.

2.6. Cidade sénior

Um terço da população de Lisboa tem mais de 60 anos e 3 em 4 seniores tem mais de 75 anos; os casos de isolamento e falta de acesso a cuidados são crescentes e a resposta social tem que ter várias vertentes, seja nacional ou local. Localmente, a concelhia do Bloco de Esquerda de Lisboa deve aumentar a articulação com o Grupo +60 e dinamizar o trabalho com a comunidade senior apoiando o aparecimento de propostas para minimizar as consequências negativas do envelhecimento da população e o seu isolamento. Na Cidade Sénior, é ainda mais urgente toda a atenção à área da saúde.

2.7. Intercultural e antirracista

Lisboa é uma cidade que cruza múltiplas culturas e origens. Por isso, mantemos o compromisso de promover ações de combate à xenofobia e ao racismo em conjunto com a comunidade imigrante que está hoje organizada na cidade. Queremos uma cidade

com uma vivência intercultural, com documentos para todas as pessoas, sem serviços públicos que guetizam, com cidadãs e cidadãos de pleno direito, de corpo inteiro.

É preciso aprofundar a luta dos Afrodescendentes, Brasileiros, Asiáticos, todos e todas as imigrantes, e da População Cigana-Roma, para a sua afirmação e cidadania e pelo direito à cidade.

Batemo-nos por uma cidade que não segrega, mas que une e que reúne em todos os seus espaços. O combate à elitização e gentrificação do centro é também o combate por uma cidade para todos e todas. Uma maior mobilidade na cidade permitirá, por sua vez, a aproximação das pessoas que nela vivem e trabalham, evitando o isolamento da periferia.



2.8. Ambiente e Direitos dos Animais

Sendo uma das capitais europeias com maior nível de poluição, o trabalho ambiental em Lisboa é essencial, nomeadamente na construção de propostas para tornar a cidade mais sustentável na utilização de energia e em todo o seu funcionamento. O município deve contribuir para a transição energética através de normas urbanísticas para a utilização das energias renováveis, começando pelos edifícios municipais, criando incentivos para que prédios auto-suficientes energeticamente sejam uma realidade a curto prazo.

Da mesma forma, o equilíbrio no usufruto da cidade entre as pessoas e os animais é essencial e a sensibilização para a necessidade de estruturação de espaços comuns é um trabalho que o Bloco de Esquerda a nível concelhio deve concretizar.

A par de outras cidades do país, Lisboa deve tornar-se um Município Amigo dos Animais, adoptando princípios de precaução na promoção do bem-estar animal e condicionando o apoio dado a espectáculos com animais.

2.9. Combater a precariedade e defender os direitos do trabalho

A cidade é o espaço de habitação, de acesso aos serviços e de vivência social, mas é igualmente o espaço onde se trabalha e se localizam inúmeras atividades produtivas nos diversos setores. O Bloco combaterá a precariedade laboral, exigindo que nos serviços públicos e nas autarquias, mas também no privado, todas e todos que desempenham funções permanentes tenham um contrato de trabalho estável. Nos locais de trabalho, o Bloco deve empenhar-se para a organização dos trabalhadores, para a contratação coletiva e para a defesa dos direitos do trabalho.

2.10. Um acordo para fazer a diferença

O resultado histórico do Bloco nas eleições autárquicas de 2017 permitiu a eleição de um vereador na Câmara Municipal de Lisboa. Com a força do voto popular e de um programa sólido o Bloco de Esquerda assinou um acordo para a governação da Câmara Municipal de Lisboa com o PS, que não obteve maioria absoluta.

O Bloco foi claro desde o primeiro momento: mantemos total autonomia no projeto que temos para a cidade de Lisboa; o nosso compromisso é com as e os lisboetas.

O acordo permitiu ao Bloco fazer avançar uma agenda progressista que irá mudar a vida de quem vive na cidade: programa de habitação público, novas regras para o alojamento local, mais transportes públicos, extensão do Metro para a zona Ocidental, manuais escolares gratuitos, requalificação e reequipamento das escolas, melhoria da qualidade das refeições escolares, automatismo da tarifa social da água, salas de consumo assistido, reforço e criação de respostas em Saúde, medidas inovadoras para a população sénior, acabar com a precariedade nos quadros da câmara, mais transparência e participação nas decisões da Câmara Municipal. Somos exigentes face a este acordo: as medidas estão detalhadas e calendarizadas e implicam uma monitorização permanente e em todos os momentos mantemos a independência nas votações. Para além disso, o Bloco mobilizar-se-á e estará presente nas dinâmicas cidadãs, sendo a garantia do direito à cidade se necessário em oposição

à maioria de Fernando Medina.

A existência deste acordo não anula o projeto estratégico do Bloco para Lisboa. Queremos ser maioria na cidade e mudar as regras do jogo. A proposta política que defendemos para Lisboa implica mudanças profundas e conflitos que o PS não está disposto a enfrentar: alterar drasticamente as regras do jogo urbanístico e da utilização do solo; mudar a política de utilização do património público, combatendo a especulação imobiliária e os interesses privados; colocar a habitação como prioridade absoluta das políticas sociais; envolver as pessoas em todos os processos de decisão, reforçando os mecanismos de participação e transparência; construir uma transição ambiental e ecológica da cidade; reforçar os direitos sociais, o acesso à cultura e à criação. Este é o projeto político pelo qual nos continuamos a bater. Como se viu em casos como o licenciamento do hotel na Junqueira, na taxa de proteção civil ou na concessão a privados do Teatro Maria Matos, o Bloco mantém fortes divergências com o Partido Socialista. Mantemos essas divergências e neste mandato mostrará que o Bloco, no plano autárquico, é uma força com capacidade de fazer a diferença, de mudar a cidade e de se afirmar como uma alternativa preparada e combativa.



3. SOLIDIFICAR REDE DE AUTARCAS EM TODA A CIDADE

Nas eleições de 1 de Outubro, o Bloco de Esquerda aumentou a sua votação em todas as freguesias da cidade de Lisboa, tendo aumentado o número de eleitos de 15 para 22. Passamos a estar representados em 19 das 24 freguesias (Ajuda, Alvalade, Areeiro, Arroios, Avenidas Novas, Beato, Benfica, Campo de Ourique, Campolide, Lumiar, Marvila, Misericórdia, Olivais, Penha de França, Santa Clara, Santa Maria Maior, Santo António, São Domingos de Benfica, São Vicente) e nos casos da Penha de França e Campo de Ourique reforçamos a nossa presença para dois eleitos.

A nossa presença nestas 19 freguesias, com núcleos ativos em quase todas, implica um esforço da Coordenadora Concelhia de Lisboa para que haja um acompanhamento do trabalho durante todo o mandato. No final destes 4 anos não queremos voltar a criar tudo do zero, queremos sim aproveitar este momento para dar um salto qualitativo na nossa organização nas freguesias da cidade. Para isso é necessário solidificar a rede de contacto entre todos os autarcas, em ligação permanente com o Grupo municipal e com a Vereação.

Propomo-nos:

- Discutir campanhas regulares sobre temas prioritários de intervenção na cidade;
- Organizar, com regularidade, assembleias da região Norte/Centro/Oriental/Ocidental, mantendo a organização de núcleos de freguesia;
- Organizar Assembleias com todos os eleitos, nomeadamente no momento próximo à discussão do orçamento;
- Disponibilizar, no site da concelhia, uma secção para cada freguesia ou agrupamento de freguesias, se estas assim o entenderem;
- Organizar iniciativas conjuntas entre freguesias, Grupo municipal e Vereação;
- Dinamizar e apoiar grupos temáticos (habitação, saúde, educação, lgbtqi+, mulheres) que discutem e preparam intervenção.

4. RADICAIS! MAIS ATIVISMO PARA MUDAR A CIDADE

O trabalho de uma Coordenadora Concelhia não começa nem se esgota no trabalho das e dos eleitos nas instituições. Esse trabalho é essencial, para que na Câmara, na Assembleia Municipal ou nas Juntas e Assembleias de Freguesia as e os eleitos do Bloco tenham capacidade de intervenção e ligação aos problemas de quem vive em Lisboa. O foco do trabalho do Bloco em Lisboa deve ser organizar as vontades e o ativismo para mudar a cidade. Isso significa estarmos presentes nas escolas, nas universidades,

nos locais de trabalho, nos bairros, nos movimentos sociais, trazendo essas experiências militantes para o Bloco.

A Coordenadora tem a intenção de garantir que os militantes participam no planeamento e na organização das iniciativas. Os debates temáticos públicos, as reuniões e o apoio direto aos núcleos e a criação de grupos de trabalho são experiências que deram bons resultados e que importa manter e ampliar. O reforço da distribuição da propaganda, assim como a presença organizada nas redes sociais têm permitido um maior eco das propostas do Bloco, mas ainda é preciso uma maior capacidade de articulação da informação. É essencial para a capacidade de intervenção local garantir mecanismos de divulgação ampla das propostas e das iniciativas em cada freguesia, capazes de chegar às respetivas populações.

A força do Bloco está também na sua interação com a Comunidade. Tocando nas questões que interessam aos quotidianos das pessoas, o Bloco deve envolver, através de um trabalho de militância, todas e todos aqueles que pretendem fazer parte desta mudança progressista. Com o trabalho e acção local das eleitas e eleitos do Bloco de Esquerda nas Freguesias de Lisboa, devemos estar também preparadas e preparados para integrar novas adesões para aumentar assim a capacidade de resposta do Bloco em Lisboa.



LISTA DE CANDIDATOS E CANDIDATAS

Efetivos

- 1 Ricardo Robles 2005
- 2 Isabel Pires 6734
- 3 Rui Costa 8668
- 4 Joana Grilo 5360
- 5 Maria Luisa Cabral 9516
- 6 Ricardo Moreira 4622
- 7 Vasco Barata 10218
- 8 Catarina Oliveira 6764
- 9 Marco Marques 5160
- 10 Diana Pereira 12573
- 11 André Soares 4855
- 12 Mafalda Escada 10517
- 13 David Sher 12002

Suplentes

- 14 Joana Correia Pires 11465
- 15 Ana Sofia Cortes 9397
- 16 Nuno Veludo 12574
- 17 Isabel Ventura 7705
- 18 Célia Lourenço 11426
- 19 Timóteo Macedo 1104
- 20 Bruno Maia 2774
- 21 Beatriz Farelo 12474
- 22 João David Almeida 12534
- 23 Carlos Solposto 302
- 24 Laura Diogo 9191
- 25 Fábio Salgado 4510
- 26 Hugo Mota 13245
- 27 Joana Filipe 9906
- 28 Ricardo Duarte 2516
- 29 João Mineiro 6566

Subscritoras e subscritores da
Lista A:

1	Adriana Afonso	73	Jorge Lopes
2	Adriana Lopera	74	José Gema
3	Afonso Moreira	75	José Gusmão
4	Alfredo Martinho	76	José Manuel Ésse
5	Ana Campos	77	José Manuel Terreiro
6	Ana Carvalho	78	Laura Diogo
7	Ana Catarina Soares	79	Leonor Costa
8	Ana Feijão	80	Luís Branco
9	Ana Júlia Filipe	81	Luis Casinhas
10	Ana Mateus Dias	82	Luis Fazenda
11	Ana Sofia Cortes	83	Luís Leiria
12	André Pires	84	Luís Moreira
13	André Soares	85	Luís Simes
14	Andreia Quartau	86	Luna Rebelo
15	António Coelho	87	Madina Omarkhanova
16	António Lage	88	Mafalda Costa
17	Artur Carvalho	89	Manuel Grilo
18	Beatriz Dias	90	Manuel Pinho Soares
19	Beatriz Farelo	91	Márcio Brandão Gomes
20	Belandina Vaz	92	Marco Marques
21	Bruno Cabral	93	Maria da Graça Thó
22	Bruno Maia	94	Maria Luísa Cabral
23	Carlos Borges Sousa	95	Maria Manuela Ferreira Soares
24	Carlos Solposto	96	Mariana Carneiro
25	Catarina Laranjo	97	Mariana Gomes
26	Cátia Severino	98	Mariana Mortágua
27	Célia Lourenço	99	Mário Sérgio Bonito
28	Céu Fazenda	100	Michel Caen
29	Cláudia Bonança	101	Miguel Bordalo
30	Cristina Andrade	102	Miguel Reis
31	Cristina Neno	103	Nuno Milagre
32	Daniel Carapau	104	Nuno Veludo
33	David Sher	105	Olga Johanssen
34	Diana Pereira	106	Olga Soares Pedro
35	Dina Nunes	107	Om Bahadur Garti
36	Dorinda Rodrigues Soares	108	Patricia Prata
37	Eduardo Almeida Nascimento	109	Paulete Matos
38	Estefânia Pires	110	Paulo Alves
39	Fabienne Couvreur	111	Paulo Vieira
40	Fábio Salgado	112	Raquel Bagulho
41	Fátima Lopes	113	Rassul Hussene Suca
42	Fernando João	114	Ricardo Duarte
43	Fernando Pinho Soares	115	Ricardo Moreira
44	Filipa Gonçalves	116	Ricardo Robles
45	Filipe Costa	117	Rita Calvário
46	Francisco Louçã	118	Rita Duarte
47	Guilherme Moura	119	Rita Gorgulho
48	Gustavo Behr	120	Rodrigo Rivera
49	Helena Amaral	121	Romana Sousa
50	Hernâni Carmo	122	Rui Costa
51	Hernani Pereira	123	Rui Lourido
52	Hugo Evangelista	124	Rui Maia
53	Hugo Mota	125	Rui Mourão
54	Hugo Parreira	126	Rui Seixas
55	Humberto Andrade	127	Sara Rocha
56	Isabel Pires	128	Sara Schuh
57	Ivan Bartman Ferreira	129	Sofia Roque
58	Izaura Solipa	130	Tânia Maria Martins
59	Joana Correia Pires	131	Teresa Bispo
60	Joana Filipe	132	Tiago Ivo Cruz
61	Joana Grilo	133	Tiago Oliva
62	Joana Louça	134	Timóteo Macedo
63	Joana Silva	135	Tomás Marques
64	João Baeta Neves	136	Vasco Barata
65	João Camargo	137	Vasco da Rocha
66	João David Almeida		
67	João Duarte Loureiro (Meirim)		
68	João Gomes		
69	João Mineiro		
70	João Pedro		
71	João Pinho		
72	Joaquim Calado		



Consulta a lista de subscritores em: <https://www.facebook.com/aesquerdaquafazadiferenca/>